

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns aspectos da nossa dissertação de mestrado. Nela, buscamos a revitalização da obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, por meio de uma leitura que não apenas reconhece o seu mérito literário como também resgata o seu teor crítico, cujo valor vem sendo desconsiderado por aqueles que recusam alguns de seus aspectos. Procuramos examinar e reconsiderar os prováveis motivos que levaram a obra à margem da crítica literária para, em seguida, apontar a importância desse romance que permite reflexões relevantes sobre o mundo contemporâneo.

**Abstract:** *This article presents some aspects of our thesis. On it, argues for a renewed reading of Aldous Huxley's "Brave New World". The interpretation carried out therein not only acknowledges the novel's literary merit, but also recuperates its critical tenor, whose import has been ignored by those who refuse to accept some of its most relevant aspects. The thesis examines and reconsiders the most probable motives which led to this marginal position in critical discourse; following this, it highlights the importance of the novel, which allows one to develop relevant reflections on the contemporary world.*

## I. INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo foi o livro *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, escrito em 1931 e publicado em 1932. Diante dessa obra que suscita inúmeras reflexões sobre o mundo contemporâneo, buscamos entender os motivos que a conduziram ao desapareço por parte da crítica literária e de outros especialistas em diversas áreas de conhecimento (Genética, Filosofia, etc.). Repensados os motivos, propusemo-nos a resgatar o seu valor crítico como fator de resistência a certas possibilidades sombrias.

O seu duplo enquadramento – ficção científica e utopia – acentua a índole crítica e obriga a uma tomada de posição, superando assim a instância precisamente estética e tendendo às discussões ideológicas. A ficção científica merece atenção porque

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta alguns aspectos tratados na dissertação de mestrado sob esse mesmo título, defendida em fevereiro de 2007, no Departamento de Teoria e História Literária, tendo como orientadora a Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Adélia Bezerra Toledo de Meneses.

busca, entre outras coisas, dar conta dos dilemas de um mundo onde a ciência tanto pode solucionar problemas, quanto criar outros mais complexos. Nos últimos anos, muito se tem falado a respeito da engenharia genética. Inúmeros debates foram organizados com a participação de especialistas e, embora alguns deles tenham se lembrado de citar obras desse gênero, nenhum mencionou o *Admirável Mundo Novo* como um exemplar literário representativo das respectivas discussões.

Acreditamos que essa postura displicente se dê, talvez, pelo fato do livro ser tratado como mais uma obra de ficção científica cuja imaginação extrapola o factível. Não se trata de criticar essa postura, ela é aceitável se pensarmos que o livro só não recebeu a devida atenção. Além do resgate especificamente literário da obra, nosso principal propósito foi chamar a atenção sobre ela através de uma análise mais específica, abordando as ideologias que moldam o comportamento individual e coletivo, a fim de refletirmos sobre o nosso comportamento contemporâneo.

No que tange ao aspecto estético-literário, uma consulta significativa da fortuna crítica nos levou a concluir que Huxley é considerado um autor interessante, apenas. Entretanto, com a análise detida que fizemos do *Admirável Mundo Novo*, constatamos que o autor enfeixa muito bem os elementos da narrativa e atinge o resultado desejado, considerando-se os parâmetros do gênero literário em que se enquadra. De qualquer forma, como é o julgamento especializado que acaba determinando o valor artístico de uma obra, partimos em busca dos possíveis motivos que o levaram a não se deter sobre ela.

Uma resposta simples poderia partir justamente do fato do livro se aproximar do gênero “ficção científica”, que sempre foi desprezado pela crítica “convencional” como sendo sublitteratura; no entanto, ao que parece, tem havido uma nova atitude nos últimos tempos. Mas, até então, a postura ante esse gênero costumava ser típica: julgava-se o gênero, o todo, e nunca “o detalhe, que é a obra, ou o autor”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Cf. Fausto CUNHA. Ascensão e queda da Ficção Científica. *Revista Civilização Brasileira*, n. 13.

A natureza evasiva que se atribuía a esse tipo de literatura, a suposta falta de seriedade de seus autores e leitores, a imensa popularidade, foram alguns dos aspectos que provocaram o seu banimento da esfera acadêmica. No entanto, como as recentes experiências e descobertas científicas no campo da biogenética têm provocado discussões éticas no mundo todo, devemos considerar a relevância dessa obra, inscrita num gênero que, para Fátima Régis de Oliveira, “parece tornar-se a *ficção da atualidade*, ganhando respeitabilidade no mundo acadêmico”<sup>3</sup>.

Embora a maioria dos pesquisadores concorde que a ficção científica seja uma metáfora do tempo em que vive o seu criador, o *Admirável Mundo Novo* prova que tem envelhecido satisfatoriamente por parecer cada vez mais próximo de nós: com o avançar do tempo, essa obra se tornou mais viva, mais atual, em muitos aspectos como se o parâmetro do autor fosse o nosso tempo e não o dele próprio. Além disso, a obra se distingue da literatura chamada “fantástica”, devido ao alto grau de racionalidade que justifica seus aspectos “excessivos”, transformando o “não-factual” em factível. Assim, o que talvez fosse absurdo para o leitor dos anos 30, para o leitor hodierno se apresenta como natural.

Mesmo diante do grande número de leitores e do patente manancial reflexivo desse livro, no Brasil as atenções dadas a ele por debatedores especializados são superficiais, limitando-se, no mais das vezes, a breves referências em artigos de jornais e revistas e a pouquíssimos trabalhos acadêmicos, que, embora possuam seus valores, não fazem uma análise atualizada da obra. Portanto, nossa intenção foi apresentar uma leitura que contribuísse de alguma forma para estimular reflexões pertinentes aos dilemas apontados. Entendemos que esse resgate requer que se aproximem os temas da obra do nosso presente e que se destaque, ao final, um dos aspectos mais notáveis da modernidade: o caráter biopolítico das estratégias que pretendem aperfeiçoar a vida em sociedade.

Seguindo a convicção de que o livro merece ser revisitado, não podemos perder de vista os motivos que acreditamos terem-

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA. A ficção científica e a questão da subjetividade homem-máquina. **COM- CIÊNCIA**, n. 59.

no levado ao abandono por parte da crítica literária. Além de o gênero ser considerado subliteratura por alguns, outros motivos para o desabono dos críticos parecem ser a caracterização das personagens e o teor conformista atribuído ao profundo pessimismo huxleyano. Quanto à caracterização, alguns críticos são diretos ao censurar suas limitações. John Carey, por exemplo, considerou Huxley um tipo especial de escritor, mas não acha que ele possa ser listado entre os grandes, porque “retrata o ser humano de forma tão limitada”<sup>4</sup>. No Brasil, Anatol Rosenfeld tratou-o como “gênio de infinita versatilidade”, mas também lamentou o predomínio de um intelecto vigoroso em detrimento da vida das personagens<sup>5</sup>. O que ele chamou de “incapacidade íntima de simpatia” tem estreita relação com o que Alfredo Bosi acusou em Érico Veríssimo como sendo um “mau-intimismo”<sup>6</sup>.

Portanto, os limites da caracterização das personagens huxleyanas parecem ter sido, para alguns críticos, o limite do seu mérito como ficcionista. Nossa intenção foi mostrar que Huxley trabalhava conscientemente nesse limite e constatamos ainda que, no caso do *Admirável Mundo Novo*, essa “insuficiência” foi providencial e atendeu perfeitamente às exigências de verossimilhança.

O outro aspecto - o teor conformista da obra - também costuma desaboná-lo, desagradando consideravelmente a vertente dos críticos marxistas. O caráter conservador e antiutópico do texto huxleyano causou e causa indignação a muitos. Quando vemos, por exemplo, o renomado crítico Otto Maria Carpeaux julgando a obra *1984*, de George Orwell, como “um livro desagradável e pessimista”, por não oferecer “saídas’ aos personagens”, deduzimos que Huxley também não estaria livre desse seu ressentimento.

Dentre os que rebateram o “conformismo” huxleyano, ressaltamos Theodor Adorno, com seu ensaio “Aldous Huxley e a Utopia”, cuja tese indica a concepção linear do desenvolvimento histórico e a desconsideração da “força motriz do movimento dialético” como

---

<sup>4</sup> Cf. CAREY. *Darkness and Light*, documentário sobre Huxley, 1993.

<sup>5</sup> Ver ROSENFELD. *Letras e Leituras*, p.196.

<sup>6</sup> Ver BOSI. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p.461.

causa do senão huxleyano, embora reconheça certas qualidades do romance. É interessante notar também que os críticos literários brasileiros mais influentes possuem uma visada de esquerda, o que os insere entre aqueles avessos ao teor conformista da obra.

Acreditamos que os dois fatores citados – além do gênero a que pertence - colaboraram para que a obra fosse pouco considerada pela crítica. Nosso trabalho não deixou de abordar algumas de suas falhas, mas procurou ressaltar seu valor crítico e literário através de uma leitura atualizada. Dada a brevidade deste artigo, nos limitaremos a expor ligeiramente nossos argumentos acerca dos dois aspectos depreciativos mencionados acima e, ao fim, apresentaremos um panorama do conteúdo de cada um dos cinco capítulos que compõem nossa dissertação.

## II. UM MAU-INTIMISMO OPORTUNO

Não há como falar das personagens novo-mundistas, sem mencionar o ambiente que determina seus comportamentos. No *Admirável Mundo Novo*, a natureza do espaço é social, pois enfatiza os costumes e o modo de ser dos habitantes.

A maneira como somos apresentados àquele universo revela uma intenção perscrutadora, que parte da aparência em busca da essência. Assim, o que se coloca em primeiro plano é o frontispício de um edifício descrito como um quadro estático, sem recorrência explícita a verbos, já que a única forma é nominal (“acachapado”, *squat* no original) e a função, adjetiva:

Um edifício cinzento e acachapado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras **Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central** e, num escudo, o lema do Estado Mundial: **Comunidade, Identidade, Estabilidade.**<sup>8</sup>

Esse parágrafo inicial sintetiza a essência do mundo novo, através de algumas palavras fundamentais que a imagem sem vida nos apresenta: “cinzento” (*grey*), “incubação” (*hatchery*), “condicionamento” (*conditioning*), “mundial” (*world*) e o lema “Comu-

<sup>7</sup> A partir de agora, AMN.

<sup>8</sup> HUXLEY. AMN, p. 33.

nidade, Identidade, Estabilidade” (*Community, Identity, Stability*). Com o desenvolvimento da narrativa, o leitor compreenderá o tom pessimista (“cinzento”) que antecipa a falta de vida naquele mundo, pois verificará que o que é “produzido” no “Centro de Incubação e Condicionamento” é uma existência mecânica e artificial. Assim, avisados, entramos no edifício que representa o sistema regente do Estado Mundial. No segundo parágrafo, o conteúdo daquela face externa é uma extensão do já anunciado: ausência de vida e desencanto, representados pelas imagens sinestésicas da luz fria, crua, morta e espectral, o brilho glacial da porcelana e a algidez hiberna do ambiente.

O universo novo-mundista é norteado pelo finalismo. Este é o lado mais forte da doutrina utilitarista, da qual o *AMN* está repleto. A qualidade e o valor de uma ação estão vinculados à sua utilidade ou tendência em conduzir os homens à felicidade. Um dos mentores da ideologia novo-mundista, Jeremy Bentham, acreditava que o princípio da utilidade reconhece a sujeição do homem a dois senhores soberanos: a dor e o prazer. A sujeição é o fundamento desse sistema, “cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei”<sup>9</sup>. Mustafá Mond, o mentor da civilização novo-mundista, afirma que a felicidade é o soberano bem. Esta afirmação convicta vincula-se ao ideal pragmático do Sistema que entende que somente pessoas felizes são estáveis e vice-versa, quer dizer, a insatisfação gera a instabilidade. Portanto, todos os meios devem ser usados para se atingir o fim: manter a estabilidade.

A partir disso, a estabilidade funda-se no controle total, do embrião ao indivíduo adulto. A Felicidade, portanto, depende do controle sobre tudo que desestabiliza: as emoções e os instintos. Assim, o sistema buscou eliminar esses fatores de desestabilização: não pode haver amor, emoção, sentimento, logo, não pode haver vida, pois estar vivo é reagir. Esse aniquilamento da vida dá-se por meio de recursos sistematizados e direcionados: a manipulação genética, a propaganda ideológica, a hipnopédia, o soma, o

<sup>9</sup> BENTHAM. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. **Os Pensadores**, v. XXXIV, p.09.

monitoramento constante dos comportamentos, a proibição da Literatura, da solidão e da exclusividade, entre outras coisas.

O caráter asfíxiante dessa civilização se intensifica ainda pela inexistência do espaço para o desejo, condição *sine qua non* para o impulso utópico, transformador e libertário. O indivíduo constante e imediatamente realizado não nutre nenhum sentimento de falta, logo não sente necessidade de romper com nada. Assim, aos poucos o sistema vai produzindo a felicidade e, obviamente, toda essa manipulação não se dá assim por estágios distintos, mas sim de forma dialética, operando tudo ao mesmo tempo: esvaziamento, alienação e aceitação.

Eliminar o espaço entre o desejante e o desejado, anular a capacidade de escolha, abominar o contato com o mundo da literatura foram algumas das medidas tomadas pelo sistema novomundista para impedir a formação daquilo que consideramos propriamente humano. Por isso, essa obra huxleyana, em específico, não pode ser avaliada sob o mesmo prisma daquelas em que as personagens são representações humanas próximas de nós. Richard Gerber deixou isso mais ou menos claro quando escreveu:

*Brave New World is not a novel of characters, but this does not really matter in this case since it is the very point the book wants to make that in a future world there will not be any individuals who can be called characters. They are only variations of a pattern.*<sup>10</sup>

Huxley imaginou um futuro em que a desumanização seria fruto de um processo deliberado de padronização do “vazio”, em que as pessoas seriam “produzidas” por um sistemático “ajuste” dos comportamentos, fosse através da manipulação genética e/ou do condicionamento psicológico.

No *AMN*, todos - exceto John - são moldados pelo condicionamento, igualados nos valores e nos padrões comportamentais. Essa igualdade sufocante permite que o leitor preveja a reação de cada personagem, pois são efetivamente planas e previsíveis como todo *tipo* deve ser. A completa submissão desses seres agride a ló-

---

<sup>10</sup> GERBER. *Utopian Fantasy: a study of English Utopian Fiction since the End of the Nineteenth Century*, p.123.

gica de quem vislumbra outras dimensões no ser humano. Perguntamo-nos, em princípio, onde fica a vontade e o desejo que sempre foram catalisadores da insurreição. Acreditamos, durante muito tempo, que não é possível limitar o ser humano a uma condição de extrema coisificação. Afinal, ele é muito complexo e misterioso para que se deixe forjar tão completamente. No entanto, assustamo-nos quando percebemos um forte paralelo entre as previsões das teorias presentes no livro e muitos aspectos da nossa civilização.

Os seres novo-mundistas podem muito bem ser designados como Hannah Arendt o fez ao falar dos sobreviventes dos campos de extermínio: “homens inanimados, que já não podem ser compreendidos psicologicamente”, por isso a sua existência, quando confrontada com o “mundo psicologicamente humano (ou inteligivelmente humano)”, mostra-se tão fantasiosa e inacreditável quanto a “ressurreição de Lázaro”. Para Arendt ainda, “o que o bom senso e as ‘pessoas normais’ se recusam a crer é que tudo seja possível”<sup>11</sup>.

Portanto, o que acontece nessa obra em especial é algo muito significativo: a “falta de simpatia” huxleyana, de que falara Rosenfeld, não interfere em nada, pois o vazio das personagens se mostra perfeitamente verossímil e aceitável. A técnica huxleyana de composição - que Bosi denunciou em *Veríssimo* como sendo uma espécie de fuga da psicologia dos personagens - limita a visão do leitor à exterioridade das ações e dos gestos. Para Huxley, porém, isso era suficiente à sugestão de sua complexidade, mesmo porque o grau de comprometimento do gênero satírico é menor que o do praticado por nosso escritor gaúcho.

Aprendemos com o professor Antonio Candido que o romancista tem necessidade de selecionar aspectos do real para criar um mundo próprio, que contenha leis próprias, às quais as personagens obedecerão. Com efeito, mesmo não se tratando de transplantar um ser da realidade para as páginas de um livro, a “personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo”<sup>12</sup>. Por isso, não cabe ao leitor julgá-la a partir das suas

<sup>11</sup> Ver ARENDT. *Origens do Totalitarismo*, p.491.

<sup>12</sup> Ver CANDIDO. *A personagem de ficção*, p.64.

próprias experiências no mundo real externo. O que ele precisa fazer é “entrar” na personagem a ponto de vivenciar aquelas situações, naquele mundo, com aquelas leis e sob aquelas condições. A partir daí, tentar imaginar como ele reagiria em cada situação.

Se considerarmos a intenção crítica presente no *AMN*, veremos que Huxley avaliou aquela sociedade não só pelos seus métodos peculiares, mas, sobretudo, pelo comportamento dos seus indivíduos, forjado por um sistema hábil e controlador. Foi ironizando esse comportamento que satirizou e criticou a sociedade capitalista do seu tempo, desfazendo suas aparências. Tipificar os indivíduos foi uma maneira de enquadrá-los num padrão de comportamento reinante e desprezível através de suas caricaturas. Daí, a simples exposição de seus comportamentos, que devem servir de suporte para a caracterização psicológica, feita pelo leitor.

### III. CONFORMADO OU PESSIMISTA?

A crítica que Adorno dirige ao que chamou de “conformismo repugnante” na obra de Huxley merece ser avaliada a fim de se verificar se foi justa e exata. Antes, porém, devemos rebater qualquer leitura que confunda o pessimismo huxleyano com conformismo, equívoco no qual não incorreu o filósofo alemão. A idéia de conformismo, relacionado ao profundo pessimismo de Huxley, certamente ocorre a muitos que lêem o *AMN*, pois a obra surgiu num dos momentos mais sombrios da humanidade e não deveria causar surpresa o fato de refletir o sentimento do autor.

Acontece que parece um pouco leviano igualar conformismo e pessimismo, embora este seja, muitas vezes, a disposição de espírito que leva àquele. O pessimismo não era atributo exclusivamente huxleyano, ao contrário, seu tom unísono fez-se ouvir em inúmeras obras ficcionais e filosóficas do período, inclusive no célebre livro de Adorno em parceria com Horkheimer, *A Dialética do Esclarecimento*.

Os maiores motivos para o tom pessimista da *Dialética do Esclarecimento*, por exemplo, parecem residir na constatação de um poderoso processo alienatório, engendrado no seio de uma razão que se propunha emancipadora. Adorno e Horkheimer “tentam entender como o antigo ideal de razão emancipadora... deu à luz

um sistema social no qual racionalidade e dominação são inseparáveis”<sup>13</sup>. Percebe-se, com isso, a sintonia entre eles e Freud, Weber, Marcuse e, por que não, Huxley.

A primeira hipótese presente no livro de Adorno e Horkheimer é sobre a existência de um mútuo apoio entre as estruturas de organização racional e as estruturas da organização social que não está distante também do que Huxley retratou no *AMN*. Entretanto, ainda que o escritor inglês estivesse preocupado com os dilemas engendrados pela razão numa sociedade de consumo, assim como aqueles frankfurtianos estiveram, estes se enveredavam por outros caminhos críticos, investigando as desalentadoras aporias da razão, nas quais Adorno vira o discurso huxleyano se enredar.

No embate filosófico entre Adorno / Horkheimer e a Razão, os dois filósofos sondaram cada manifestação que pudesse contribuir para a manutenção de um estado dominante de coisas. Daí os resultados que podem ser vistos no ensaio que Adorno escreveu sobre Huxley, enquanto este, por outro lado, não perscrutava os recônditos da razão, apenas buscava representar, através da ficção, alguns resultados sombrios quando de seu mau uso.

Tanto é assim que Huxley não percebia que muitos dos seus valores faziam parte do arcabouço que alimentava o que Adorno e Horkheimer criticavam, muito embora, em inúmeros momentos, as críticas daquele coincidam plenamente com as críticas destes dois, por exemplo: o mundo ficcional de Huxley representa literariamente o desencantamento do mundo, o aburguesamento do operariado, sua alienação e reificação, a mitificação e a degeneração da razão e da ciência, enfim, vários aspectos que vinham sendo alvos das críticas frankfurtianas.

Destarte, o pessimismo huxleyano tem o mesmo assento que o adorniano: a luta social é impossível se o possível revolucionário se encontra totalmente alienado. Entretanto, como nos lembra Merquior, “para os críticos da cultura, a vitória sobre a repressão se restringe ao campo ideológico; não vêem como ela possa pas-

---

<sup>13</sup> GAGNEBIN. *Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História*, p.108.

sar ao da realidade [...] as saídas estão barradas [...] O protesto é amargo, porque a esperança não existe”<sup>14</sup>.

Diante dessas colocações, entende-se a postura crítica de Adorno ante a obra huxleyana, cuja leitura revela a complexidade de um problema que, apresentado como definitivo, sugere uma visão conformada:

O que se deve reprovar no romance não é o momento contemplativo enquanto tal, que este compartilha com a filosofia e com qualquer representação, mas o fato de que ele não inclui em sua reflexão o momento de uma práxis que poderia romper com essa infame continuidade.<sup>15</sup>

Nota-se que Adorno revela aspectos na obra que apontam para um espírito conformado. Mas acreditamos que a obra de Huxley possui sua força justamente na configuração de um universo deprimente, jogando na face do leitor um mundo que seu comportamento acríptico pode engendrar. Sabemos, também, que o teor desesperançado da distopia contraria a expectativa dos que prescrevem utopias.

Entretanto, não se pode esquecer que o próprio Huxley reconheceu a negatividade do beco sem saída que gerara. No prefácio de 1946, lamentou não ter oferecido uma terceira alternativa ao Selvagem, uma possibilidade construtiva. Para ele, isto foi “o defeito mais grave do romance”<sup>16</sup>. Por outro lado, Richard Gerber considera que a introdução dessa terceira possibilidade na obra a teria tornado “*one of those tendentious utopias advocating a definite political programme*” e o *AMN* não precisava disto, pois “*is a brilliant intellectual tour de force*”<sup>17</sup>.

Através do *AMN*, Huxley buscou escapar das sugestões de um mundo que se lhe mostrava corrompido e das conseqüências de um sistema contra o qual tentou resistir, usando a ironia e a sátira, mesmo que estas tenham sido substituídas, a partir de determinado ponto do livro, pela intenção diagnóstica. Logo, o *AMN* surge como uma diagnose que desperta a necessidade de transfor-

---

<sup>14</sup> MERQUIOR. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, p.153.

<sup>15</sup> ADORNO. *Prismas: crítica cultural e sociedade*, p.115.

<sup>16</sup> Ver HUXLEY. *AMN*, p.22.

<sup>17</sup> GERBER. Op. Cit., p.127.

mações em nosso presente. Por isso, deve-se cuidar para não o ler como se fosse um “projeto programático” do autor. Quando Jerzi Szacki nos fala sobre *As Viagens de Gulliver*, por exemplo, diz que se trata de uma utopia que apresenta as possibilidades “imagináveis da ciência”, a fim de desacreditar uma das formas na qual pode ser usada, e acrescenta: “É uma sátira e não um projeto programático [...] Não precisa sequer ter opinião a respeito. A utopia negativa exige somente um radicalismo na observação da situação presente”<sup>18</sup>.

Lançar ao rosto dos leitores uma obra desse porte - como fez Huxley - não é o mesmo que alertá-los para um mal bastante possível? A índole dos leitores conta muito nesse caso. Se eles são avisados o suficiente para perceberem e diagnosticarem, na realidade, os meandros de um processo representado pela ficção, então a obra adquire o valor que buscamos mostrar com nossa leitura.

Portanto, não podemos cometer o equívoco, no caso do *AMN*, de condensar os teores pessimistas e conservadores num único termo: conformismo. E nem de pensar que Adorno vira o conformismo somente por este viés. O termo pode aparecer também como sinônimo do conservadorismo, enquanto atitude de quem se mostra hostil às inovações, sobretudo, quando essas atingem a classe a que o conservador pertence. Mas, no que concerne à leitura do *AMN*, o efeito é outro e a conceituação deve ser mais precisa: conformismo é a atitude de quem aceita determinadas situações sem opor nenhuma resistência ou sem tecer qualquer questionamento, o que não ocorre com Huxley, pois a própria obra, ainda que pessimista, é uma forma de reação que desmente a acusação de conformismo.

Além destes aspectos, em nosso trabalho trouxemos à discussão muitos outros apresentados pela obra. Com nossa proposta de revitalizar o *AMN*, buscamos nos sintonizar com aqueles que apontaram a necessidade de “uma leitura renovada” das obras huxleyanas<sup>19</sup>. Dentro das nossas possibilidades, tentamos fazer essa releitura iluminando-a com algumas teses que acreditamos

<sup>18</sup> SZACKI. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*, p.121-122.

<sup>19</sup> Ver BARBOSA. A volta de Aldous Huxley. *CULT – Revista Brasileira de Literatura*, Ano V, n. 48, p. 12, julho, 2001.

terem sido de extremo valor nesse processo. Assim, nos servimos das teorias de Weber, Marcuse, Freud, Harvey, Jameson, Arendt, Agamben, Sloterdijk e Adorno, entre outros, além de buscarmos respaldo em jornais, revistas, vídeos e artigos publicados na internet, a fim de trazer elementos atuais para o campo gravitacional do universo novo-mundista.

As 281 páginas que compõem nossa dissertação são divididas em cinco capítulos, cada um apresentando algumas subdivisões. No capítulo introdutório, tratamos de alguns aspectos da obra e do autor e expomos nossos objetivos. O segundo capítulo apresenta um considerável (mas não exaustivo) levantamento acerca da recepção crítica do autor e da obra. No seguinte, procedemos à análise literária dos elementos da narrativa (espaço, personagens, foco narrativo e tempo, sempre em diálogo com o nosso presente), além de analisarmos as sutilezas do título e procuramos situar o autor entre a modernidade e a pós-modernidade. O quarto capítulo traz um breve tópico que aproxima o livro *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque, da obra huxleyana, e ainda analisa os aspectos totalitários, imperialistas e biopolíticos que regem o Estado novo-mundista, a partir das obras *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt e *Homo Sacer*, de Giorgio Agamben. Esse capítulo aprofunda a questão do pessimismo e do suposto conformismo huxleyano. No quinto e último capítulo, tratamos de algumas hipóteses acerca do horizonte que se delinea e discutimos a premência de se adotar regras éticas perante as descobertas feitas no campo da biotecnologia, que podem reconfigurar o futuro da espécie humana.

De modo geral, procuramos nos valer do que encontramos de mais significativo no momento, realçando o fato de que, no Brasil e em boa parte do mundo, os estudiosos parecem não ter contemplado, a contento, a íntima relação que pode ser verificada entre os aspectos presentes na civilização novo-mundista e os clamorosos procedimentos biopolíticos apontados por Foucault e redimensionados por Agamben. Causou-nos surpresa e decepção as superficiais e até raríssimas menções à obra de Huxley nos livros, artigos, documentários e entrevistas que envolvem as novas perspectivas do biopoder. Não temos dúvida de que o *AMN* é a

expressão literária paroxística da biopolítica que se inscreve no horizonte da contemporaneidade.

Finalmente, um dos fatores perversos, que pode resultar das medidas biopolíticas de administração da vida, é que a “felicidade” produzida em seres que nunca tiveram e nunca terão acesso a outro parâmetro de existência pode inverter os valores e minar pela raiz o possível efeito crítico-emancipador da obra *AMN*, já que se corre o imenso risco de que seja lida pelas gerações atuais e pelas vindouras como uma forma desejável de existência.

A passividade e a cooptação que caracterizam as personagens huxleyanas também estão presentes na massa acrítica do mundo atual, muitas vezes sedada por tranqüilizantes (Soma), distraída por superficialidades sensoriais (cinema sensível e música sintética), conduzida pelo aboio ideológico capitalista (consumismo desenfreado), seduzida pela busca da felicidade a qualquer preço (hedonismo e *ecstasy*), privada das instâncias libertadoras (escasso incentivo à leitura e à reflexão) e infantilizada pela intolerância à frustração (liberdade sem responsabilidade), entre outras coisas.

Longe do equívoco de acreditar que os valores tradicionais são antídotos para todo esse processo desumanizador, o que deve ser considerado é o fato de Huxley ter apreendido mudanças de comportamento e de valores que não trazem apenas benefícios à condição humana, e uma postura preventiva para com os possíveis resultados nos é necessária, muito mais do que uma vã discussão sobre otimismo e pessimismo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ADORNO, T. W. Aldous Huxley e a Utopia. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. Tradução Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. 1. ed., São Paulo: Ática, 2001.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Pau-

- lo: Cia. das Letras, 1997.
- BARBOSA, J. A. A volta de Aldous Huxley. **CULT – Revista Brasileira de Literatura**, ano V, n. 48, p. 12-14, julho, 2001.
- BENTHAM, J. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. **Os pensadores**. Tradução Luiz João Baraúna. v. XXXIV, 1ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CAREY, J. Entrevista concedida no documentário **Aldous Huxley: Darkness and Light**, dirigido por Chris Hunt. Califórnia, EUA, 1993.
- CUNHA, F. Ascensão e Queda da Ficção Científica. **Revista Civilização Brasileira**, ano III, n. 13, p. 133-149, maio, 1967.
- DERBYSHIRE, J. (2003). What happened to Aldous Huxley. **The New Criterion**, v. 21, n. 6. Disponível em: [www.newcriterion.com/archive/21/feb03/huxley.htm](http://www.newcriterion.com/archive/21/feb03/huxley.htm).
- GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GERBER, R. **Utopian Fantasy: a study of English Utopian Fiction since the End of the Nineteenth Century**. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, Broadway House, Carter Lane, 1955.
- HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Ed. Globo, 2001.
- MERQUIOR, J.G. **Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- OLIVEIRA, F. R. de (2004). A ficção científica e a questão da subjetividade homem-máquina. **COMCIÊNCIA Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, n. 59, outubro, 2004. Disponível em: [www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/2004/10/creditos.shtml). Acesso em: 07 set.2006.
- ROSENFELD, A. **Letras e Leituras**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SZACKI, J. **As Utopias ou A Felicidade Imaginada**. Tradução Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

VERATTI, N. S. P. **Admirável Mundo Novo: Um enredo de possíveis**. Dissertação de mestrado. Campinas, Departamento de Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007.